

RENATI DES-CARTES

PRINCIPIORUM

PHILOSOPHIAE

PARS PRIMA

De principiis cognitionis humanae

VOL. 5, N° 1-2 - 2000

RENÉ DESCARTES

DOS PRINCÍPIOS
DA FILOSOFIA

PRIMEIRA PARTE

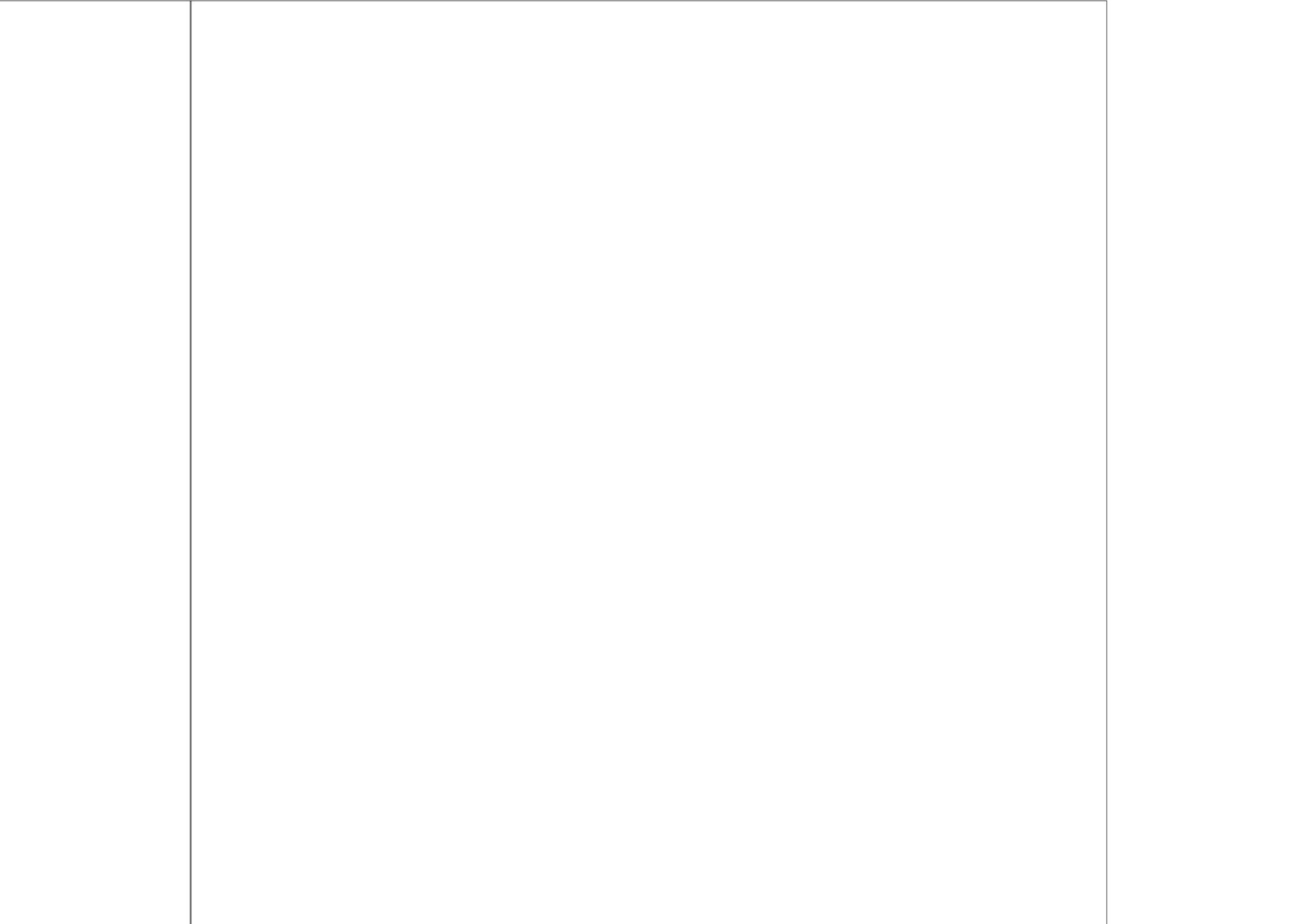
Sobre os princípios do conhecimento humano

VOL. 5, Nº 1-2 - 2000

Neste volume completamos a apresentação da tradução dos *Principia Philosophiae* de R. Descartes. O último trecho da tradução compreende os artigos 51 a 76 da Primeira Parte e os artigos 1 a 4 da Segunda Parte. A presente tradução, coordenada por Guido Antônio de Almeida e Raul Landim Filho, é o resultado de um trabalho coletivo do Seminário Filosofia da Linguagem. Participaram dessa equipe de tradução os seguintes membros do Seminário: Ethel Menezes Rocha, Marcos Gleizer e Ulysses Pinheiro; a tradução também contou com a contribuição da professora Simone Brantes.

Como das outras vezes, a equipe de tradução pretende, com a publicação prévia deste texto, colher sugestões e críticas a seu trabalho, visando a elaboração de sua versão final.

O texto latino reproduzido ao lado da tradução é o da primeira edição (1644), segundo edição fac-símile de J.R. Armogathe e G. Belgioioso, publicada na Itália em 1994 por Conte Editore. A ortografia foi atualizada, embora a pontuação tenha sido mantida.



LI
Quid sit
substantia: &
quod istud nomen
Deo creaturis non
conveniat univoce.

Quantum autem ad ea, quæ tanquam res vel rerum modos spectamus, operæ pretium est, ut singula seorsim consideremus. Per substantiam nihil aliud intelligere possumus, quam rem quæ ita existit, ut nulla alia re indigeat ad existendum. Et quidem substantia quæ nulla plane re indigeat, unica tantum potest intelligi, nempe Deus. Alias vero omnes, non nisi ope concursus Dei existere posse percipimus. Atque ideo nomen substantiæ non convenit Deo & illis *univoce*, ut dici solet in Scholis, hoc est, nulla ejus nominis significatio, potest distincte intelligi, quæ Deo & creaturis sit communis.

LII
Quod menti &
corpori univoce
conveniat, &
quomodo ipsa
cognoscatur.

Possunt autem substantia corporea, & mens, sive substantia cogitans, creata, sub hoc communi conceptu intelligi; quod sint res, quæ solo Dei concursu egent ad existendum. Verumtamen non potest substantia primum animadverti ex hoc solo, quod sit res existens; quia hoc solum per se nos non afficit: sed facile ipsam agnoscimus ex quolibet ejus attributo, per communem illam notionem, quod nihili nulla sint attributa, nullæve proprietates, aut qualitates. Ex hoc enim, quod aliquod attributum adesse percipiamus, concludimus aliquam rem existentem, sive substantiam cui illud tribui possit, necessario etiam adesse.

LIII
Cujusque
substantiæ unum
esse præcipuum
attributum, ut
mentis cogitatio,
corporis extensio.

Et quidem ex quolibet attributo substantia cognoscitur: sed una tamen est cujusque substantiæ præcipua proprietas, quæ ipsius naturam essentiamque constituit, & ad quam aliæ omnes referuntur. Nempe extensio in longum, latum & profundum substantiæ corporeæ naturam constituit; & cogitatio constituit naturam substantiæ cogitantis. Nam omne aliud quod corpori tribui potest, extensionem præsupponit, estque tantum modus quidam rei extensæ; ut & omnia, quæ in mente reperimus, sunt tantum diversi modi cogitandi. Sic exempli causa, figura nonnisi in re extensa potest intelligi, nec motus nisi in spatio extenso; nec imaginatio, vel sensus, vel voluntas, nisi in re cogitante. Sed e contra potest intelligi extensio, sine figura vel motu, &

Quanto aos itens, porém, que consideramos como coisas ou modos de coisas, vale a pena examiná-los cada qual separadamente. Por “substância” não podemos entender senão a coisa que existe de tal maneira que não precise de nenhuma outra coisa para existir. E, de certo, só há uma única substância que se pode entender como absolutamente independente de qualquer outra coisa, a saber, Deus. Todas as outras, porém, percebemos que não podem existir a não ser graças ao concurso de Deus. E, por isso, o nome “substância” não convém a Deus e a elas *univocamente*, como costuma se dizer nas Escolas, isto é, não se pode entender qualquer significado desse nome que seja comum a Deus e às criaturas.

Porém, a substância corpórea e a mente, ou a substância pensante, criada, podem ser entendidas sob esse conceito comum, porque são coisas que precisam tão-somente do concurso de Deus para existir. Contudo, a substância não pode vir a ser reconhecida simplesmente por ser uma coisa existente, uma vez que isso por si só não nos afeta. Mas facilmente a reconhecemos a partir de qualquer um de seus atributos, mediante aquela noção comum segundo a qual o nada não tem quaisquer atributos, isto é, quaisquer propriedades ou qualidades. Com efeito, pelo fato de percebermos que algum atributo está presente, concluímos que alguma coisa existente, ou uma substância, à qual pode ser atribuído, também está necessariamente presente.

E, certamente, é a partir de um atributo, não importa qual, que uma substância é conhecida, mas é uma só, no entanto, a propriedade principal de cada substância, a qual constitui a natureza e a essência da mesma e à qual todas as outras são referidas. A saber, a extensão em comprimento, largura e profundidade constitui a natureza da substância corpórea, e o pensamento constitui a natureza da substância pensante. Pois tudo o mais que pode ser atribuído ao corpo pressupõe a extensão e é apenas um certo modo da coisa extensa; assim como todas as coisas que encontramos na mente são apenas diversos modos de pensar. Assim, por exemplo, não se pode entender a figura a não ser numa coisa extensa, nem o movimento a não ser no espaço extenso; nem a imaginação, ou o sentido, ou a

LI

O que é a substância e que esse nome não convém univocamente a Deus e às criaturas.

LII

Que [esse nome] convém à mente e ao corpo de maneira unívoca e de que modo [a substância] é conhecida.

LIII

Que é um só o atributo principal de cada substância, como o pensamento [o é] da mente e a extensão, do corpo.

cogitatio sine imaginatione, vel sensu, & ita de reliquis: ut cuilibet attendenti fit manifestum.

LIV
*Quomodo claras &
distinctas notiones
habere possimus,
substantiæ
cogitantis, &
corporeæ, item
Dei.*

Atque ita facile possumus duas claras & distinctas habere notiones, sive ideas, unam substantiæ cogitantis creatæ, aliam substantiæ corporæ; si nempe attributa omnia cogitationis, ab attributis extensionis accurate distinguamus. Ut etiam habere possumus ideam claram & distinctam, substantiæ cogitantis increatæ atque independentis, id est, Dei; modo ne illam adæquate omnia quæ in Deo sunt exhibere supponamus, nec quidquam etiam in ea esse fingamus, sed ea tantum advertamus, quæ revera in ipsa continentur, quæque evidenter percipimus ad naturam entis summe perfecti pertinere. Nec certe quisquam, talem ideam Dei nobis inesse negare potest, nisi qui nullam plane Dei notitiam in humanis mentibus esse arbitretur.

LV
*Quomodo duratio,
ordo, numerus
etiam distincte
intelligentur*

Duratio, ordo, & numerus, a nobis etiam distinctissime intelligentur, si nullum iis substantiæ conceptum affingamus, sed putemus durationem rei cujusque, esse tantum modum, sub quo concipimus rem istam, quatenus esse perseverat; Et similiter, nec ordinem, nec numerum esse quicquam diversum a rebus ordinatis, & numeratis, sed esse tantum modos, sub quibus illas consideramus.

LVI
*Quid sint modi,
qualitates,
attributa.*

Et quidem hic per modos plane idem intelligimus, quod alibi per attributa, vel qualitates. Sed cum consideramus substantiam ab illis affici, vel variari, vocamus modos; cum ab ista variatione talem posse denominari, vocamus qualitates; ac denique, cum generalius spectamus tantum ea substantiæ inesse, vocamus attributa. Ideoque in Deo non proprie modos aut qualitates, sed attributa tantum esse dicimus, quia nulla in eo variatio est intelligenda. Et etiam in rebus creatis, ea quæ nunquam in iis diverso modo se

vontade, a não ser na coisa pensante. Mas, ao contrário, pode-se entender a extensão sem a figura ou o movimento e o pensamento sem a imaginação ou o sentido e assim por diante, como fica manifesto para quem quer que atente [para isso].

E, assim, podemos facilmente ter duas noções, ou idéias, claras e distintas, uma da substância pensante criada, a outra da substância corpórea, bem entendido, desde que distingamos cuidadosamente todos os atributos do pensamento dos atributos da extensão. Assim como também podemos ter uma idéia clara e distinta da substância pensante incriada e independente, isto é, de Deus, contanto que não suponhamos que ela exiba adequadamente tudo o que está em Deus, nem acrescentemos a ela qualquer coisa de fictício, mas atentemos apenas para o que nela está verdadeiramente contido e que percebemos com evidência pertencer à natureza do ente sumamente perfeito. E ninguém, certamente, há de negar que tal idéia de Deus esteja em nós, a não ser quem presuma que não há nas mentes humanas absolutamente nenhuma noção de Deus.

A duração, a ordem e o número também são entendidos por nós com muita distinção se não lhes acrescentarmos equívocadamente qualquer conceito de substância, mas estimarmos que a duração de cada coisa é tão-somente um modo sob o qual concebemos essa coisa na medida em que persevera no ser, e, de maneira semelhante, que nem a ordem nem o número são qualquer coisa de diverso das coisas ordenadas e enumeradas, mas tão-somente modos sob os quais as consideramos.

E aqui, de fato, entendo por modos, exatamente o mesmo que entendi alhures por atributos, ou qualidades. Mas, quando considero que a substância é por eles afectada, ou alterada, eu os chamo de modos; quando pode ser denominada tal ou qual a partir dessa alteração, chamo [os modos] de qualidades; e, por fim, quando levo em conta de maneira mais geral tão-somente que estão na substância, chamo-os de atributos. E por isso digo que, em Deus, há apenas atributos e não propriamente modos ou qualidades, porque não se deve entender nele

LIV

De que modo podemos ter noções claras e distintas da substância pensante e da corpórea, bem como de Deus.

LV

De que modo a duração, a ordem, o número também são entendidos distintamente

LVI

O que são modos, qualidades, atributos.

habent, ut existentia & duratio, in re existente & durante, non qualitates, aut modi, sed attributa dici debent.

*LVII
Quædam attributa
esse in rebus; alia
in cogitatione. Et
quid duratio &
tempus.*

Alia autem sunt in rebus ipsis, quarum attributa vel modi esse dicuntur; alia vero in nostra tantum cogitatione. Ita cum tempus a duratione generaliter sumpta distinguimus, dicimusque esse numerum motus, est tantum modus cogitandi; Neque enim profecto intelligimus in motu, aliam durationem quam in rebus non motis: ut patet ex eo, quod si duo corpora, unum tarde, aliud celeriter per horam moveatur, non plus temporis in uno quam in alio numeremus, etsi multo plus sit motus. Sed ut rerum omnium durationem metiamur, comparamus illam cum duratione motuum illorum maximorum, & maxime æquabilium, a quibus fiunt anni & dies, hancque durationem tempus vocamus. Quod proinde nihil præter modum cogitandi, durationi generaliter sumptæ superaddit.

*LVIII
Numerum &
universalia
omnia, esse
tantum modos
cogitandi.*

Ita etiam cum numerus non in ullis rebus creatis, sed tantum in abstracto, sive in genere consideratur, est modus cogitandi duntaxat: Ut & alia omnia quæ universalia vocamus.

*LIX
Quomodo
universalia fiant:
& quæ sint
quinque vulgata:
genus, species,
differentia
proprium,
accidens.*

Fiuntque hæc universalia ex eo tantum, quod una & eadem idea utamur ad omnia individua, quæ inter se similia sunt, cogitanda: Ut etiam unum & idem nomen omnibus rebus per ideam istam repræsentatis imponimus, quod nomen est universale. Ita cum videmus duos lapides, nec ad ipsorum naturam, sed ad hoc tantum quod duo sint attendimus, formamus ideam ejus numeri quem vocamus binarium; cumque postea duas aves, aut duas arbores videmus, nec etiam earum naturam, sed tantum quod duæ sint consideramus, repetimus eandem ideam quam prius, quæ ideo est universalis; ut & hunc

nenhuma alteração. Assim também o que nunca se acha de modo diverso nas coisas criadas, como a existência e a duração na coisa que existe e dura, deve ser dito, não qualidade ou modo, mas atributo.

Todavia, alguns estão nas coisas mesmas das quais são ditos ser atributos ou modos; outros, é verdade, estão apenas em nosso pensamento. Assim, o tempo, quando o distinguimos da duração considerada de modo geral e dizemos que é o número do movimento, é apenas um modo de pensar. Com efeito, não entendemos [haver] no movimento uma duração diversa do que nas coisas não movidas, como fica manifesto a partir do fato de não contarmos mais tempo em um corpo do que em outro, se os dois se movem, um lenta, o outro velozmente, durante uma hora, ainda que o movimento seja muito maior [em um do que no outro]. Mas, a fim de medir a duração de todas as coisas, nós a comparamos com a duração dos maiores e mais uniformes movimentos, dos quais resultam os dias e os anos, e chamamos tempo a essa duração. O que, por conseguinte, nada acrescenta além de um modo de pensar à duração tomada em geral.

Assim também o número, quando é considerado não em quaisquer coisas criadas, mas apenas em abstrato, ou em geral, é só um modo de pensar, assim como tudo o mais que chamamos de universais.

E esses universais surgem tão somente do fato de usarmos uma e a mesma idéia para pensar todos os indivíduos que se assemelham uns aos outros; também quando damos um e o mesmo nome a todas as coisas representadas por essa idéia, esse nome é universal. Assim, quando vemos duas pedras e não levamos em conta a natureza delas, mas tão somente o fato de que sejam duas, formamos a idéia desse número que chamamos de “dois”; e quando vemos depois duas aves, ou duas árvores, e também não consideramos a natureza delas, mas tão somente que sejam duas, voltamos à mesma idéia que antes, a qual por isso mesmo

LVII

Que certos atributos estão nas coisas, outros no pensamento. E o que são a duração e o tempo.

LVIII

Que o número e todos os universais são tão somente modos de pensar.

LIX

Como surgem os universais e quais são os cinco mais comuns: o gênero, a espécie, a diferença, o próprio, o acidente.

numerum eodem universali nomine binarium appellamus. Eodemque modo, cum spectamus figuram tribus lineis comprehensam, quandam ejus ideam formamus, quam vocamus ideam trianguli; & eadem postea ut universali utimur, ad omnes alias figuras tribus lineis comprehensas animo nostro exhibendas. Cumque advertimus, ex triangulis alios esse habentes unum angulum rectum, alios non habentes, formamus ideam universalem trianguli rectanguli, quæ relata ad præcedentem ut magis generalem, species vocatur; Et illa anguli rectitudo, est differentia universalis, qua omnia triangula rectangula ab aliis distinguuntur; Et quod in iis basis potentia æqualis sit potentiis laterum, est proprietas iis omnibus & solis conveniens: Ac denique, si supponamus aliquos ejusmodi triangulos moveri, alios non moveri, hoc erit in iis accidens universale. Atque hoc pacto quinque universalialia vulgo numerantur, genus, species, differentia, proprium, & accidens.

LX
De
distinctionibus,
ac primo de reali.

Numerus autem in ipsis rebus, oritur ab eorum distinctione: quæ distinctio triplex est, realis, modalis, & rationis. Realis proprie tantum est inter duas vel plures substantias: Et has percipimus a se mutuo realiter esse distinctas, ex hoc solo, quod unam absque altera clare & distincte intelligere possimus. Deum enim agnoscentes, certi sumus ipsum posse efficere, quidquid distincte intelligimus; adeo ut, exempli causa, ex hoc solo, quod jam habeamus ideam substantiæ extensæ sive corporeæ, quamvis nondum certo sciamus ullam talem revera existere, certi tamen sumus illam posse existere; atque si existat, unamquamque ejus partem a nobis cogitatione definitam, realiter ab aliis ejusdem substantiæ partibus esse distinctam. Itemque ex hoc solo, quod unusquisque intelligat se esse rem cogitantem, & possit cogitatione excludere a se ipso omnem aliam substantiam, tam cogitantem quam extensam, certum est unumquemque sic spectatum, ab omni alia substantia cogitante, atque ab omni substantia corporea realiter distingui. Ac etiamsi supponamus, Deum alicui tali substantiæ cogitanti, substantiam aliquam corpoream tam arcte conjunxisse, ut arctius jungi non possint, & ita ex illis duabus unum quid

é universal; assim como também chamamos esse número pelo mesmo nome universal de “dois”. E do mesmo modo, quando olhamos uma figura compreendida entre três lados, formamos uma certa idéia dela a que chamamos idéia do triângulo e a utilizamos posteriormente como universal para exhibir a nosso ânimo todas as demais figuras compreendida entre três lados. E quando nos damos conta de que, dentre os triângulos, uns têm um ângulo reto, outros não, formamos a idéia universal do triângulo retângulo, a qual, referida à precedente enquanto mais geral, se chama espécie. Essa retangularidade é a diferença universal pela qual todos os triângulos retângulos se distinguem dos demais. E que neles a base ao quadrado¹ seja igual aos quadrados dos lados é uma propriedade que convém a eles todos e só a eles. Por fim, se supusermos que alguns triângulos da mesma espécie são movidos, e outros não, isso será neles um acidente universal. Dessa maneira cinco universais são geralmente enumerados: o gênero, a espécie, a diferença, o próprio e o acidente.

O número, porém, nas coisas mesmas² surge da distinção delas, distinção essa que é tríplice: real, modal e de razão. A real só existe propriamente entre duas ou mais substâncias. E percebemos que essas são realmente distintas umas das outras pelo simples fato de que podemos entender clara e distintamente uma sem a outra. Com efeito, vindo a conhecer Deus, estamos certos de que ele pode fazer

LX

*Das distinções e,
em primeiro lugar,
da [distinção] real.*

(1) Adam e Tannery substituem o ablativo “*potentiâ*” pelo nominativo “*potentia*” (a expressão “*basis potentia*” devendo ser traduzida então por: “a (segunda) potência da base”, que é, no caso do triângulo retângulo, o quadrado da hipotenusa). Mas a correção é desnecessária, pois as expressões: “o quadrado da base” e a “a base ao quadrado” são equivalentes. A expressão “*potentia*” como termo da matemática, usado para traduzir o grego *δύναμις*, significa em geral a segunda potência, ou seja o quadrado (de um número ou, na geometria, o quadrado construído sobre a linha de uma figura); a expressão “*potentiâ*” no ablativo, para traduzir o dativo grego *δυνάμει* significa elevado à (segunda) potência (isto é, ao quadrado); a expressão “*basis*” como termo da geometria, a base de uma figura ou sólido; nesse, caso a figura em questão é um triângulo retângulo e a base é a hipotenusa.

(2) A tradução: “nas coisas mesmas”, adotada pelo padre Picot, beneficia-se da autorização geral de Descartes. Essa tradução parece, no entanto, tornar o pensamento de Descartes acerca da natureza

conflavisse, manent nihilominus realiter distinctæ; quia quantumvis arcte ipsas univerit, potentia, quam ante habebat ad eas separandas, sive ad unam absque alia conservandam, seipsum exuere non potuit, & quæ vel a Deo possunt separari vel se junctim conservari, realiter sunt distincta.

LXI Distinctio modalis est duplex, alia scilicet inter modum proprie dictum, & substantiam, cujus est modus; alia inter duos modos ejusdem substantiæ. Prior ex eo cognoscitur, quod possimus quidem substantiam clare percipere absque modo, quem ab illa differre dicimus, sed non possimus viceversa, modum illum intelligere sine ipsa. Ut figura & motus, distinguuntur modaliter a substantia corporea, cui insunt; ut etiam affirmatio & recordatio a mente. Posterior vero cognoscitur ex eo, quod unum quidem modum absque alio possimus agnoscere, ac viceversa; sed neutrum tamen sine eadem substantia cui insunt: Ut si lapis moveatur, & sit quadratus, possum quidem intelligere ejus figuram quadratam, sine motu; & vice versa, ejus motum, sine figura quadrata; sed nec illum motum, nec illam figuram possum intelligere sine lapidis substantia. Distinctio autem qua modus unius substantiæ differt ab alia substantia, vel a modo alterius substantiæ, ut motus unius corporis ab alio corpore, vel a mente, atque ut motus a

tudo o que entendemos distintamente, de tal sorte que, por exemplo, pelo simples fato de já termos a idéia da substância extensa, ou corpórea, embora não saibamos com certeza se uma tal coisa verdadeiramente existe, estamos, no entanto, certos de que ela pode existir; e também, se existir, que cada uma de suas partes, definida por nós no pensamento, é realmente distinta das outras partes da mesma substância. Da mesma maneira, pelo simples fato de que cada um entenda ser uma coisa pensante e possa no pensamento excluir de si mesmo toda outra substância, tanto pensante quanto extensa, é certo que cada um, assim considerado, se distingue realmente de toda outra substância pensante e de toda outra substância corpórea. E, mesmo supondo que Deus houvesse ligado a uma tal substância pensante uma substância corpórea e isso de maneira tão estreita que não poderiam estar mais estreitamente ligadas, tendo assim composto algo de uno a partir das duas, elas permanecem não obstante distintas, porque, por mais estreitamente que as tenha unido, ele não pôde se despojar a si mesmo da potência, que tinha antes, de separá-las, ou de conservar uma sem a outra, e as coisas que podem ser ou separadas ou conservadas separadamente por Deus são realmente distintas.

A distinção modal divide-se em duas, a saber, uma entre o modo propriamente dito e a substância da qual ele é um modo; a outra entre dois modos da mesma substância. A primeira é conhecida a partir da consideração de que podemos perceber claramente uma substância sem o modo que dizemos diferir dela, mas não podemos, inversamente, entender esse modo sem a mesma. Assim, por exemplo, a figura e o movimento distinguem-se modalmente da substância

LXI

Da distinção modal.

do número inconsistente consigo mesmo, visto que este foi apresentado no § 58 como tão somente um modo de pensar (pelo menos na medida em que é considerado abstratamente ou em geral). Esta seria uma razão para preferir a tradução “nas mesmas coisas”, supondo que Descartes esteja se referindo a “todos os indivíduos que são semelhantes”, mencionados no início do artigo anterior. Contudo, é possível defender a tradução proposta pelo padre Picot, argumentando que Descartes estaria dizendo aqui que o número, quando o consideramos não mais de maneira abstrata e geral, portanto separadamente das coisas que são contadas, mas precisamente nas coisas mesmas, surge de uma distinção que não é apenas de razão, mas tríplice (real, modal e de razão).

dubitatione, realis potius dicenda esse videtur, quam modalis; quia modi illi non clare intelliguntur sine substantiis realiter distinctis, quarum sunt modi.

LXII Denique distinctio rationis, est inter substantiam & aliquod ejus attributum, sine quo ipsa intelligi non potest; vel inter duo talia attributa ejusdem alicujus substantiæ. Atque agnoscitur ex eo, quod non possimus claram & distinctam, istius substantiæ ideam formare, si ab ea illud attributum excludamus; vel non possimus unius ex ejusmodi attributis, ideam clare percipere, si illud ab alio separemus. Ut quia substantia quævis, si cesset durare, cessat etiam esse, ratione tantum a duratione sua distinguitur; Et omnes modi cogitandi, quos tanquam in objectis consideramus, ratione tantum differunt, tum ab objectis de quibus cogitantur, tum a se mutuo in uno & eodem objecto. Memini quidem, me alibi hoc genus distinctionis cum modali conjunxisse; nempe in fine responsionis ad primas objectiones, in Meditationes de prima Philosophia: sed ibi non erat occasio de ipsis accurate disserendi, & sufficiebat ad meum institutum, quod utramque a reali distinguerem.

corpórea a que são inerentes, assim também a afirmação e a recordação [distinguem-se modalmente] da mente. A segunda, porém, é conhecida a partir da consideração de que podemos, é verdade, chegar ao conhecimento de um modo sem o outro e vice-versa; mas não [ao conhecimento] de um ou outro sem a mesma substância a que são inerentes. Assim, por exemplo, se uma pedra é movida e é quadrada, posso, é verdade, entender sua figura quadrada sem o movimento; e, vice-versa, seu movimento sem a figura quadrada; mas não posso entender nem esse movimento nem essa figura sem a substância da pedra. A distinção, porém, pela qual o modo de uma substância difere de outra substância, ou do modo de outra substância, como, por exemplo, o modo de um corpo [difere] de outro corpo, ou da mente, e também, por exemplo, o movimento [difere] da dúvida³, parece que deve ser chamada real de preferência a modal, porque esses modos não são entendidos claramente sem as substâncias realmente distintas das quais são modos.

Por fim, a distinção de razão é a [que se faz] entre uma substância e algum atributo seu sem o qual ela não pode ser entendida ou entre dois desses atributos de uma mesma substância. E [essa distinção] vem a ser conhecida a partir da consideração de que não podemos formar uma idéia clara e distinta dessa substância se excluirmos dela aquele atributo ou de que não podemos perceber uma idéia clara de um desses atributos, se o separamos do outro. Assim, por exemplo, porque uma substância qualquer, se cessar de durar, cessa também de ser, ela se distingue de sua duração apenas pela razão. E todos os modos de pensar que consideramos como que nos objetos diferem apenas pela razão, não só dos objetos dos quais são pensados, mas também um do outro em um e o mesmo objeto. Lembro-me, é verdade, de ter vinculado em outro lugar esse gênero de distinção à [distinção] modal, a saber, no fim da resposta às primeiras objeções, nas Meditações Metafísicas. Mas não era aí a

LXII

Da distinção de razão.

(3) A errata do texto latino substitui “*dubitatio*” por “*duratio*”, mas o padre Picot não a leva em conta, ao contrário de Adam e Tannery. Nós seguimos a decisão do padre Picot já que o texto examina modos de substâncias diferentes.

LXIII *Quomodo cogitatio & extensio distincte cognosci possint, ut constituentes naturam mentis & corporis.* Cogitatio & extensio, spectari possunt ut constituentes naturas substantiæ intelligentis & corporeæ; tuncque non aliter concipi debent, quam ipsa substantia cogitans & substantia extensa, hoc est, quam mens & corpus; quo pacto clarissime ac distinctissime intelliguntur. Quin & facilius intelligimus substantiam extensam, vel substantiam cogitantem, quam substantiam solam, omisso eo quod cogitet vel sit extensa. Nonnulla enim est difficultas, in abstrahenda notione substantiæ, a notionibus cogitationis vel extensionis, quæ scilicet ab ipsa ratione tantum diversæ sunt; & non distinctior fit conceptus ex eo, quod pauciora in eo comprehendamus, sed tantum ex eo, quod illa quæ in ipso comprehendimus, ab omnibus aliis accurate distingua-mus.

LXIV *Quomodo etiam ut modi substantiæ.* Cogitatio & extensio, sumi etiam possunt pro modis substantiæ; quatenus scilicet una & eadem mens, plures diversas cogitationes habere potest; atque unum & idem corpus, retinendo suam eandem quantitatem, pluribus diversis modis potest extendi; nunc scilicet magis secundum longitudinem, minusque secundum latitudinem, vel profunditatem, ac paulo post e contra magis secundum latitudinem, & minus secundum longitudinem. Tuncque modaliter a substantia distinguuntur, & non minus clare ac distincte quam ipsa possunt intelligi; modo non ut substantiæ, sive res quædam ab aliis separatæ, sed tantummodo ut modi rerum spectentur. Per hoc enim, quod ipsas in substantiis quarum sunt modi consideramus, eas ab his substantiis distinguimus, & quales revera sunt agnoscimus. At e contra, si easdem absque substantiis, quibus insunt, vellemus considerare, hoc ipso illas ut res subsistentes spectaremus, atque ita ideas modi & substantiæ confunderemus.

ocasião de diferenciá-las acuradamente e, para o meu propósito, era suficiente que distinguisse ambas da [distinção] real.

O pensamento e a extensão podem ser considerados como constituindo a natureza da substância inteligente e a da corpórea; e, assim, não devem ser concebidos de outro modo senão como a própria substância pensante e a substância extensa, isto é, como a mente e o corpo; destarte, são entendidos claríssima e distintissimamente. E até entendemos a substância extensa ou a substância pensante mais facilmente do que a substância tomada isoladamente, deixando de lado que pense ou seja extensa. Pois não deixa de haver alguma dificuldade em abstrair a noção de substância das noções do pensamento ou da extensão, visto que estas são diversas daquela tão somente pela razão; e um conceito não se torna mais distinto pelo fato de compreendermos nele menos coisas, mas tão somente pelo fato de acuradamente distinguirmos de tudo o mais as coisas que nele compreendemos.

O pensamento e a extensão também podem ser tomados como modos de uma substância (a saber, na medida em que uma e a mesma mente pode ter vários pensamentos diversos), e um e o mesmo corpo, conservando a sua mesma quantidade, pode se estender em vários modos diversos (a saber, agora mais segundo o comprimento e menos segundo a largura ou a profundidade e, pouco depois, ao contrário, mais segundo a largura e menos segundo o comprimento). Eles são, portanto, distinguidos modalmente da substância e podem ser entendidos não menos clara e distintamente do que ela, desde que sejam considerados, não como substâncias, ou como certas coisas separadas das outras, mas tão somente como modos das coisas. Com efeito, pelo fato de que os consideramos nas substâncias de que são modos, nós os distinguimos dessas substâncias e os reconhecemos tais quais verdadeiramente são. Mas, ao contrário, se quiséssemos considerá-los sem as substâncias a que são inerentes, por isso mesmo os consideraríamos como coisas subsistentes e, assim, confundiríamos as idéias de modo e de substância.

LXIII

De que maneira o pensamento e a extensão podem ser conhecidos distintamente como constituindo a natureza da mente e do corpo.

LXIV

De que maneira também [podem ser conhecidos distintamente] como modos de uma substância.

- LXV** Eadem ratione diversos cogitationum modos, ut intellectionem, imaginationem, recordationem, volitionem, &c. itemque diversos modos extensionis, sive ad extensionem pertinentes, ut figuras omnes, & situs partium, & ipsarum motus optime percipiemus, si tantum ut modos rerum quibus insunt spectemus; & quantum ad motum si de nullo nisi locali cogitemus, ac de vi, a qua excitatur, (quam tamen suo loco explicare conabor) non inquiremus.
- Quomodo ipsarum modi sint etiam cognoscendi.*
- LXVI** Supersunt sensus, affectus, & appetitus, qui quidem etiam clare percipi possunt, si accurate caveamus, ne quid amplius de iis judicemus, quam id præcise, quod in perceptione nostra continetur, & cujus intime conscii sumus. Sed perdifficile est id observare, saltem circa sensus; quia nemo nostrum est, qui non ab ineunte ætate judicavit, ea omnia quæ sentiebat, esse res quasdam extra mentem suam existentes, & sensibus suis, hoc est, perceptionibus, quas de illis habebat, plane similes: adeo ut videntes, exempli gratia, colorem, putaverimus nos videre rem quandam extra nos positam, & plane similem idæ illi coloris, quam in nobis tunc experiebamur; idque ob consuetudinem ita judicandi, tam clare & distincte videre nobis videbamus, ut pro certo & indubitato haberemus.
- Quomodo sensus, affectus & appetitus, clare cognoscantur; quamvis sæpe de iis male judicemus.*
- LXVII** Idemque plane est de aliis omnibus quæ sentiuntur, etiam de titillatione ac dolore. Quamvis enim hæc extra nos esse non putentur; non tamen ut in sola mente, sive in perceptione nostra solent spectari, sed ut in manu, aut in pede, aut quavis alia parte nostri corporis. Nec sane magis certum est, cum, exempli causa, dolorem sentimus tanquam in pede, illum esse quid extra nostram mentem, in pede existens, quam cum videmus lumen tanquam in Sole, illud lumen extra nos in Sole existere; sed utraque ista præjudicia sunt primæ nostræ ætatis, ut infra clare apparebit.
- In ipso de dolore judicio sæpe nos falli.*

Da mesma maneira perceberemos o melhor possível os diversos modos dos pensamentos, como a intelecção, a imaginação, a recordação, a volição etc. e, igualmente, os diversos modos da extensão, ou pertencentes à extensão, como todas as figuras e as situações das partes e os movimentos delas, se [os] considerarmos tão somente como modos das coisas a que são inerentes; e, quanto ao movimento, se pensarmos tão somente no movimento local e não indagarmos acerca da força pela qual é excitado (a qual, porém, tentarei explicar em seu lugar).

Restam as sensações, os afectos e os apetites, que certamente também podem ser percebidos com clareza, se tomamos todo o cuidado para não julgar algo sobre eles além do que precisamente está contido em nossa percepção e do qual estamos intimamente conscientes. Mas é muito difícil observar isso, pelo menos acerca das sensações, porque não há entre nós quem não tenha julgado desde a mais tenra idade que todas as coisas que sentia tinha uma existência fora de sua mente e eram inteiramente semelhantes às suas sensações, isto é, às percepções que tinha dessas coisas. A tal ponto que, ao ver, por exemplo, uma cor, julgávamos ver uma certa coisa posta fora de nós e inteiramente semelhante à idéia da cor que em nós então experimentávamos; e, por causa do costume de assim julgar, parecia que víamos isso tão clara e distintamente, que [o] tínhamos por certo e indubitado.

E exatamente o mesmo se dá com todas as outras coisas que são sentidas, até mesmo no que concerne às cócegas e à dor. Com efeito, ainda que não se suponha existirem fora de nós, estas não costumam, porém, ser consideradas como [existindo] só na mente, ou em nossa percepção, mas como [existindo] na mão, ou no pé, ou em qualquer outra parte de nosso corpo. E não é de modo algum mais certo, por exemplo, ao sentir dor no pé, que ela seja algo fora de nossa mente, existente no pé, do que, ao ver a luz como que no sol, que essa luz exista fora de nós no sol; mas ambos esses prejuízos provêm de nossa infância, como ficará claro mais abaixo.

LXV

De que maneira também devem ser conhecidos os modos deles [do pensamento e da extensão].

LXVI

De que maneira as sensações, os afectos e os apetites são conhecidos com clareza, ainda que muitas vezes julguemos mal sobre eles.

LXVII

Que muitas vezes nos enganamos no próprio juízo sobre a dor.

LXVIII
*Quomodo in istis
 id, quod clare
 cognoscimus, ab
 eo in quo falli
 possumus, sit
 distinguendum.*

Ut autem hic quod clarum est, ab eo quod obscurum, distinguamus, diligentissime est advertendum, dolorem quidem & colorem, & reliqua ejusmodi clare ac distincte percipi, cum tantummodo ut sensus, sive cogitationes spectantur; Cum autem res quædam esse judicantur, extra mentem nostram existentes, nullo plane modo posse intelligi quænam res sint, sed idem plane esse cum quis dicit se videre in aliquo corpore colorem, vel sentire in aliquo membro dolorem, ac si diceret se id ibi videre vel sentire, quod quidnam sit plane ignorat, hoc est, se nescire quid videat aut sentiat. Etsi enim minus attendendo, sibi facile persuadeat se nonnullam ejus habere notitiam, ex eo quod supponat esse, quid simile sensui illi coloris, aut doloris, quem apud se experitur; si tamen examinet quidnam sit, quod iste sensus coloris, vel doloris, tanquam in corpore colorato, vel in parte dolente existens repræsentet, omnino advertet se id ignorare.

LXIX
*Longe aliter
 cognosci
 magnitudinem,
 figuram, &c.
 quam colores,
 dolores, &c.*

Præsertim si consideret, se longe alio modo cognoscere, quidnam sit in viso corpore magnitudo, vel figura, vel motus (saltem localis; Philosophi enim alios quosdam motus a locali diversos effingendo, naturam ejus sibi minus intelligibilem reddiderunt) vel situs, vel duratio, vel numerus, & similia, quæ in corporibus clare percipi jam dictum est; quam quid in eodem corpore sit color, vel dolor, vel odor, vel sapor, vel quid aliud ex iis, quæ ad sensus dixi esse referenda. Quamvis enim videntes aliquod corpus, non magis certi simus illud existere, quatenus apparet figuratum, quam quatenus apparet coloratum; longe tamen evidentius agnoscimus, quid sit in eo esse figuratum, quam quid sit esse coloratum.

LXX
*Nos posse, duobus
 modis de
 sensibilibus ju-
 dicium ferre,*

Patet itaque in re idem esse, cum dicimus nos percipere colores in objectis, ac si diceremus nos percipere aliquid in objectis, quod quidem quid sit ignoramus, sed a quo efficitur in nobis ipsis, sensus quidam valde manifestus & perspicuus, qui vocatur sensus colorum. In modo autem judicandi permagna

Para distinguir, porém, aqui o que é claro do que é obscuro, deve-se notar com o máximo cuidado que certamente a dor, a cor e as demais coisas da mesma espécie são percebidas clara e distintamente, quando são consideradas tão somente como sensações, ou pensamentos. Quando, porém, são julgadas como sendo certas coisas existentes fora de nossa mente, [deve-se notar] que é absolutamente impossível entender que coisas são afinal, mas quando alguém diz que vê uma cor em algum corpo ou [que] sente dor em algum membro, é exatamente o mesmo como se dissesse que vê ou sente aí algo que afinal ignora totalmente o que seja, isto é, que não sabe o que está vendo ou sentindo. Com efeito, mesmo que, prestando menos atenção, ele se persuade facilmente de que tem algum conhecimento disso pelo fato de supor que haja algo semelhante à sensação de cor ou de dor que experimenta em si, se examinar, no entanto, o que é afinal aquilo que essa sensação de cor ou de dor representaria como que existente no corpo colorido ou na parte dolorida, notará que o ignora totalmente.

Sobretudo se ele considerar que conhece de maneira muito diferente, por um lado, o que é afinal, no corpo visto, a grandeza ou a figura ou o movimento (pelo menos o [movimento] local, pois, inventando outros movimentos diversos do local, os filósofos tornaram sua natureza menos inteligível) ou o lugar ou a duração ou os números e coisas semelhantes que são, como já se disse, percebidas claramente nos corpos e, por outro lado, aquilo que, no mesmo corpo, é a cor ou a dor ou o odor ou o sabor ou alguma outra coisa dentre essas que disse deverem ser referidas aos sentidos. Com efeito, muito embora, ao vermos algum corpo, a certeza de que ele existe na medida em que aparece figurado não seja maior do que na medida em que aparece colorido, é, todavia, com uma evidência muito maior que reconhecemos o que é, nele, ser figurado do que o que é ser colorido.

Fica patente, pois, que, no que diz respeito às coisas, é o mesmo dizer que percebemos cores nos objetos e dizer que percebemos nos objetos algo que ignoramos, é verdade, o que seja, mas pelo qual se produz em nós mesmos uma certa sensação muito manifesta e perspicua, que se chama sensação das cores. No que diz

LXVIII

De que maneira deve-se distinguir nessas coisas o que conhecemos claramente daquilo em que podemos nos enganar.

LXIX

Que a grandeza, a figura etc. são conhecidas de maneira muito diferente do que as cores, as dores etc.

LXX

Que podemos de duas maneiras fazer um juízo sobre as coisas

*quorum uno erro-
rem præcavemus,
alio in errorem
incidimus.*

est diversitas: nam quamdiu tantum judicamus aliquid esse in objectis (hoc est, in rebus, qualescunque demum illæ sint, a quibus sensus nobis advenit) quod quidnam sit ignoramus, tantum abest ut fallamur, quin potius in eo errorem præcavemus, quod advertentes nos aliquid ignorare, minus proclives simus ad temere de ipso judicandum. Cum vero putamus nos percipere colores in objectis, etsi revera nesciamus quidnam sit, quod tunc nomine coloris appellamus, nec ullam similitudinem intelligere possimus, inter colorem quem supponimus esse in objectis, & illum quem experimur esse in sensu, quia tamen hoc ipsum non advertimus, & multa alia sunt, ut magnitudo, figura, numerus, &c. quæ clare percipimus, non aliter a nobis sentiri vel intelligi, quam ut sunt, aut saltem esse possunt in objectis, facile in eum errorem delabimur, ut judicemus id, quod in objectis vocamus colorem, esse quid omnino simile colori quem sentimus, atque ita ut id, quod nullo modo percipimus, a nobis clare percipi arbitremur.

*LXXI
Præcipuam
errorum causam, a
præjudiciis
infantiæ procede-
re.*

Hicque primam & præcipuam errorum omnium causam licet agnoscere. Nempe in prima ætate, mens nostra tam arcte corpori erat alligata, ut non aliis cogitationibus vacaret, quam iis solis, per quas ea sentiebat quæ corpus afficiebant: necdum ipsas ad quidquam extra se positum referebat, sed tantum ubi quid corpori incommodum occurrebat, sentiebat dolorem; ubi quid commodum sentiebat, voluptatem; & ubi sine magno commodo vel incommodo corpus afficiebatur, pro diversitate partium in quibus, & modorum quibus afficiebatur, habebat diversos quosdam sensus, illos scilicet quos vocamus sensus saporum, odorum, sonorum, caloris, frigoris, luminis, colorum, & similium, quæ nihil extra cogitationem positum repræsentant: Simulque etiam percipiebat magnitudines, figuras, motus, & talia; quæ illi non ut sensus, sed ut res quædam, vel rerum modi, extra cogitationem existentes, aut saltem existendi capaces exhibebantur, etsi hanc inter ista differentiam nondum notaret. Ac deinde cum corporis machinamentum, quod sic a natura fabricatum

respeito, porém, ao modo de julgar, é enorme a diferença, pois, enquanto julgamos tão somente que há nos objetos (isto é, nas coisas, qualquer que seja afinal sua natureza, das quais nos advém a sensação) algo que ignoramos o que de fato é, longe de nos enganarmos, muito antes nos precavemos do erro pelo fato de que, dando-nos conta de que ignoramos algo, ficamos menos inclinados a julgar temerariamente sobre isso. Quando, porém, achamos que percebemos cores nos objetos, mesmo que na verdade ignoremos o que seja afinal aquilo que chamamos então pela palavra “cor” [e mesmo que] não possamos entender [em que consiste] a semelhança entre a cor que supomos estar nos objetos e aquela que experimentamos estar na sensação, porque, no entanto, não nos damos conta disso mesmo e [porque] há muitas outras coisas como a grandeza, a figura, o número etc. que percebemos claramente não serem sentidas ou entendidas por nós diversamente da maneira como estão ou pelo menos podem estar nos objetos, facilmente caímos no erro de julgar que isso a que chamamos cor nos objetos é algo totalmente semelhante à cor que sentimos e, assim, no erro de considerar que isso que não percebemos de modo algum seja claramente percebido por nós.

E aqui é possível reconhecer a primeira e principal causa de todos os erros. A saber, na infância, nossa mente estava tão estreitamente ligada ao corpo que não se ocupava de outros pensamentos a não ser aqueles pelos quais sentia as coisas que o afetavam; e ainda não os referia a qualquer coisa posta fora dela, mas limitava-se a sentir dor, quando algo de incômodo ocorria ao corpo; prazer, quando sentia algo de cômodo, e, quando o corpo era afetado sem grande comodidade ou incomodidade, segundo a diversidade das partes nas quais e dos modos pelos quais era afetado, tinha certas sensações diversas, a saber, as que chamamos sensações de sabores, odores, sons, calor, frio, luz, cores e coisas semelhantes, que nada representam posto fora do pensamento. E, ao mesmo tempo, também percebia grandezas, figuras, movimentos e conteúdos semelhantes; que lhe eram exibidos não como sensações, mas como certas coisas, ou modos das coisas, existentes fora do pensamento, ou pelo menos capazes de existir, mesmo que ainda não notasse essa diferença entre essas coisas. E depois, quando o mecanismo do corpo, que

sensíveis, por uma das quais nos precavemos do erro e pela outra incidimos nele.

LXXI

Que a principal causa dos erros procede dos prejuízos da infância.

est, ut propria sua vi variis modis moveri possit, hinc inde temere se contorquens, casu commodo quid assequebatur, aut fugiebat incommodum, mens illi adhærens incipiebat advertere, id quod ita assequebatur, aut fugiebat extra se esse; nec tantum illi tribuebat magnitudines, figuras, motus, & talia, quæ ut res aut rerum modos percipiebat, sed etiam sapes, odores, & reliqua, quorum in se sensum ab ipso causari advertibat. Atque omnia tantum referens ad utilitatem corporis, cui erat immersa, eo plus aut minus rei esse putabat, in uno quoque objecto a quo afficiebatur, prout plus aut minus ab ipso afficiebatur. Unde factum est, ut multo plus substantiæ, seu corporeitatis, esse putaret in saxis aut metallis, quam in aqua vel aere, quia plus duritiei & ponderositatis in iis sentiebat. Quin & aerem, quandiu nullum in eo ventum, aut frigus, aut calorem experiebatur, pro nihilo prorsus ducebat. Et quia non plus luminis a stellis, quam ab exiguis flammis lucernarum ipsi affulgebat, idcirco nullas stellas flammis istis majore sibi repræsentabat. Et quia nec terram in gyrum verti, nec ejus superficiem in globum curvatam esse notabat, ideo proclivior erat ad putandum, & eam immobilem, & ejus superficiem planam esse; Milleque allis ejusmodi præjudiciis, a prima infantia mens nostra imbuta est; quæ deinde in pueritia, non recordabatur fuisse a se sine sufficienti examine recepta, sed tanquam sensu cognita, vel a natura sibi indita, pro verissimis, evidentissimisque admisit.

LXXII
Alteram errorum
causam esse, quod
præjudiciorum
oblivisci
nequeamus.

Et quamvis jam maturis annis, cum mens non amplius tota corpori servit, nec omnia ad illud refert, sed etiam de rerum, in se ipsis spectatarum, veritate inquirat, permulta ex iis, quæ sic antea judicavit, falsa esse deprehendat; non tamen ideo facile ipsa ex memoria sua expungit, & quamdiu in ea hærent, variorum errorum causæ esse possunt. Ita, exempli causa, quoniam a prima ætate stellas imaginati sumus perexiguas, etsi jam rationes Astronomicæ perspicue nobis ostendant, ipsas esse quam maximas, tantum tamen præjudicata opinio adhuc valet, ut nobis perdifficile sit, ipsas aliter quam prius imaginari.

foi de tal sorte fabricado pela natureza que pode mover-se por sua própria força de várias maneiras, virando-se a esmo em todas as direções, por acaso alcançava algo de cômodo⁴ ou evitava algo de incômodo, a mente que lhe era aderente começava a notar que aquilo que [o corpo] assim alcançava ou evitava existia fora dela; e não lhe atribuía apenas as grandezas, figuras, movimentos e conteúdos semelhantes que percebia como coisas ou modos das coisas, mas também os sabores, odores e tudo o mais, cuja sensação notava ser produzida nela por tal coisa. E referindo tudo apenas à utilidade do corpo em que estava imersa, julgava pertencer tanto mais ou menos à coisa, em cada objeto pelo qual era afetada, quanto mais ou menos era afetada por ele. Donde resultou que julgava haver muito mais substância ou corporeidade nas rochas ou metais do que na água ou no ar, porque sentia nelas mais dureza e peso. E chegava a considerar o ar como pura e simplesmente nada, na medida em que não experimentava nele vento, frio, ou calor algum. E porque a luz das estrelas não brilhava mais para ela do que a das chamas fracas das lamparinas, por isso mesmo não se representava nenhuma das estrelas como maior do que essas chamas. E porque não notava nem que a terra está posta a girar, nem que a sua superfície está curvada em forma de um globo, justamente por isso estava mais inclinada a supor que ela era imóvel e sua superfície plana. De mil outros prejuízos da mesma sorte nossa mente foi imbuída desde a primeira infância, os quais não recordava depois na juventude terem sido recebidos por ela sem exame suficiente, admitindo-os como veríssimos e evidentíssimos como se tivessem sido conhecidos pelos sentidos ou nela colocados pela natureza.

E ainda que a mente descubra já nos anos maduros, quando não é mais totalmente serva do corpo nem refere tudo a ele, mas também investiga acerca da verdade das coisas consideradas em si mesmas, que são falsas muitíssimas das coisas que antes julgava assim [referindo tudo ao corpo], nem por isso, no entanto, as apaga facilmente da sua memória, e, enquanto [estas] estão nela, podem ser causas de

LXXII

Que a segunda causa dos erros é que não conseguimos esquecer os prejuízos.

(4) A edição Adam e Tannery substituem “*casu commodo*” por “*casu commodum*”.

LXXIII
Tertiam causam esse, quod defatigemur, ad ea, quæ sensibus præsentia non sunt, attendendo: & ideo assueti simus de illis non ex præsentia perceptione, sed ex præconcepta opinione judicare.

Præterea mens nostra, non sine aliqua difficultate ac defatigatione, potest ad ullas res attendere; omniumque difficillime ad illa attendit, quæ nec sensibus, nec quidem imaginationi præsentia sunt: Sive quia talem ex eo quod corpori conjuncta sit, habet naturam; sive quia in primis annis, cum tantum circa sensus & imaginationes occuparetur, majorem de ipsis quam de cæteris rebus cogitandi usum & facilitatem acquisivit. Hinc autem sit, ut jam multi nullam substantiam intelligant, nisi imaginabilem, & corpoream, & etiam sensibilem. Neque enim norunt ea sola esse imaginabilia, quæ in extensione, motu & figura consistunt, etsi alia multa intelligibilia sint; nec putant quidquam posse subsistere, quod non sit corpus; nec denique ullum corpus non sensibile. Et quia revera nullam rem, qualis ipsa est, sensu solo percipimus, ut infra clare ostendetur, hinc accidit, ut plerique in tota vita nihil nisi confuse percipiant.

LXXIV
Quartam causam esse, quod conceptus nostros verbis, quæ rebus accurate non respondent, alligamus.

Et denique propter loquelæ usum, conceptus omnes nostros verbis, quibus eos exprimimus, alligamus, nec eos nisi simul cum istis verbis memoriæ mandamus: Cumque facilius postea verborum quam rerum recordemur, vix unquam ullius rei conceptum habemus tam distinctum, ut illum ab omni verborum conceptu separemus: cogitationesque hominum fere omnium, circa verba magis, quam circa res versantur; adeo ut persæpe vocibus non intellectis præbeant assensum, quia putant se illas olim intellexisse, vel ab aliis qui eas recte intelligebant accepisse. quæ omnia, quamvis accurate hic tradi non possint, quia natura humani corporis nondum fuit exposita, necdum

vários erros. Assim, por exemplo, visto que desde a infância temos imaginado as estrelas como sendo muito pequeninas, mesmo que razões de ordem astronômica já nos mostrem perspicuamente que elas são extremamente grandes, a opinião prejudgada é ainda tão forte que é difícilimo para nós imaginá-las de um modo diferente do que [as imaginamos] antes.

Além disso, não é sem alguma dificuldade e fadiga que nossa mente pode prestar atenção a quaisquer coisas; e, dentre todas, é com a maior dificuldade que presta atenção àquelas que não estão presentes nem aos sentidos nem sequer à imaginação. [Isso ocorre] seja porque tem tal natureza pelo fato de estar ligada ao corpo, seja porque, nos primeiros anos, quando se ocupava apenas com as sensações e com as imaginações, adquiriu maior prática e facilidade de pensar sobre essas coisas do que sobre as demais. Daí resulta, no entanto, que muitos agora não entendem [que possa haver] alguma substância que não seja imaginável e corpórea e mesmo sensível. Com efeito, nem sabem que só as coisas que consistem em extensão, movimento e figura são imagináveis, embora muitas outras coisas sejam inteligíveis, nem acham que possa subsistir alguma coisa qualquer que não seja corpo, nem, em suma, algum corpo não sensível. E porque, na verdade, nenhuma coisa percebemos apenas pelos sentidos tal qual ela é em si mesma, como se mostrará claramente mais abaixo, resulta daí que a maioria das pessoas em toda a vida nada percebe senão confusamente.

E, por fim, por causa do uso da fala, ligamos todos os nossos conceitos a palavras com as quais os exprimimos e só os confiamos à memória simultaneamente com essas palavras. E como nos recordamos depois mais facilmente das palavras do que das coisas, dificilmente acontece-nos ter um conceito tão distinto de uma coisa qualquer que o separemos de todo o conceito das palavras; e os pensamentos de quase todos os homens versam mais acerca das palavras do que acerca das coisas, a tal ponto que muitíssimas vezes dão assentimento a expressões que não entendem, porque acham que as entenderam outrora ou que as receberam de outros que as entendiam corretamente. Todas essas coisas, mesmo que não possam ser

LXXIII

Que a terceira causa é que nos cansamos ao prestar atenção àquilo que não está presente aos sentidos e, por essa razão, nos acostumamos a julgar acerca disso, não a partir de uma percepção presente, mas a partir de uma opinião preconcebida.

LXXIV

Que a quarta causa é o fato de ligarmos nossos conceitos a palavras, que não correspondem exatamente às coisas.

probatum est ullum corpus existere, videntur tamen satis posse intelligi, ut juvent ad claros & distinctos conceptus ab obscuris & confusis dignoscendos.

LXXV
*Summa eorum
quæ observanda
sunt, ad recte
philosophandum.*

Itaque ad serio philosophandum, veritatemque omnium rerum cognoscibilium indagandam, primo omnia præjudicia sunt deponenda; sive accurate est cavendum, ne ullis ex opinionibus olim a nobis receptis fidem habeamus, nisi prius, iis ad novum examen revocatis, veras esse comperiamus. Deinde ordine est attendendum ad notiones, quas ipsimet in nobis habemus, æque omnes & solæ, quas sic attendendo clare ac distincte cognoscemus, judicandæ sunt veræ. Quod agentes, inprimis advertemus nos existere, quatenus sumus naturæ cogitantis; Et simul etiam & esse Deum, & nos ab illo pendere, & ex ejus attributorum consideratione, cæterarum rerum veritatem posse indagari, quoniam ille est ipsarum causa; Et denique præter notiones Dei & mentis nostræ, esse etiam in nobis notitiam multarum propositionum æternæ veritatis, ut quod ex nihilo nihil fiat, &c. itemque naturæ cujusdam corporeæ, sive extensæ divisibilis, mobilis, &c. itemque sensuum quorundam qui nos afficiunt, ut doloris, colorum, saporum, &c. quamvis nondum sciamus quæ sit causa, cur ita nos afficiant. Et hæc conferentes cum iis quæ confusius antea cogitabamus, usum claros & distinctos omnium rerum cognoscibilium conceptus formandi acquiremus. Atque in his paucis, præcipua cognitionis humanæ principia contineri mihi videntur.

LXXVI
*Auctoritatem divi-
nam, perceptioni
nostræ esse
præferendam sed*

Præter cætera autem, memoriæ nostræ pro summa regula est infigendum, ea quæ nobis a Deo revelata sunt, ut omnium certissima esse credenda; Et quamvis forte lumen rationis, quam maxime clarum & evidens, aliud quid nobis suggerere videretur, soli tamen authoritati divinæ potius, quam proprio

tratadas aqui com precisão, porque a natureza do corpo humano ainda não foi exposta, nem ainda foi provado que exista qualquer corpo, parece que podem, no entanto, ser suficientemente entendidas a fim de ajudarem a discernir os conceitos claros e distintos dos obscuros e confusos.

Por conseguinte, para filosofar com seriedade e investigar a verdade de todas as coisas cognoscíveis, primeiro devem-se pôr de lado todos os prejuízos; ou seja, deve-se tomar todo o cuidado para não darmos fé a nenhuma das opiniões outrora aceitas por nós, a não ser que, chamadas a um novo exame, nos certifiquemos antes de que são verdadeiras. Depois, é preciso prestar atenção, segundo a ordem, às noções que temos em nós mesmos e julgar verdadeiras todas e só aquelas que conheçamos clara e distintamente, graças a essa atenção. Assim procedendo, dar-nos-emos conta, antes de mais nada, de que existimos na medida em que temos uma natureza pensante e, ao mesmo tempo também, de que Deus existe e dependemos dele e de que, a partir da consideração de seus atributos, pode-se investigar a verdade das demais coisas, visto que ele é a causa das mesmas. E, em seguida, além das noções de Deus e da nossa mente, [dar-nos-emos conta] de que também há em nós o conhecimento de muitas proposições que são verdades eternas, como, por exemplo, que a partir do nada nada se faz etc.. E, do mesmo modo, [também nos daremos conta] de uma certa natureza corpórea, ou extensa, divisível, móvel etc., bem como de certas sensações que nos afetam, como [as sensações] de dor, cores, sabores etc. muito embora ainda não saibamos qual seja a causa por que nos afetam assim. E comparando estas [noções] com aquelas que antes pensávamos mais confusamente, adquiriremos o hábito de formar conceitos claros e distintos de todas as coisas cognoscíveis. Nestas poucas coisas parecem-me estar contidos os mais importantes princípios do conhecimento humano.

Mas, sobretudo, devemos fixar em nossa memória como regra suprema que as coisas que nos foram reveladas por Deus devem ser acreditadas como as mais certas de todas. E, ainda que, por acaso, a luz da razão, por mais clara e evidente que seja, pareça nos sugerir outra coisa, contudo só devemos dar fé à autori-

LXXV

Resumo do que se deve observar para filosofar corretamente.

LXXVI

Que a autoridade divina deve ser preferida à nossa percepção, mas

*ea seclusa non
decere phi-
losophum aliis
quam perceptis
assentiri.*

nostro iudicio, *fidem* esse adhibendam: Sed in iis, de quibus fides divina nihil nos docet, minime decere hominem philosophum, aliquid pro vero assumere, quod verum esse nunquam perspexit; & magis fidere sensibus, hoc est, inconsideratis infantiae suae iudiciis, quam maturae rationi.

dade divina de preferência ao nosso próprio juízo. Mas, nas coisas sobre as quais a fé divina nada nos ensina, de modo algum convém ao homem que é filósofo admitir como verdadeiro algo que nunca tenha discernido ser verdadeiro e confiar mais nos sentidos, isto é, nos juízos inconsiderados de sua infância, do que na razão madura.

que, com exceção dela, não convém ao filósofo dar assentimento a outra coisa senão às percebidas.

RENATI DES-CARTES

PRINCIPIORUM

PHILOSOPHIAE

PARS SECUNDA

De Principiis rerum materialium

VOL. 5, N° 1-2 - 2000

RENÉ DESCARTES

DOS PRINCÍPIOS
DA FILOSOFIA

SEGUNDA PARTE

Sobre os princípios das coisas materiais

VOL. 5, Nº 1-2 - 2000

I
Quibus rationibus
rerum mate-
rialium existētia
certo cognoscatur.

Etsi nemo non sibi satis persuadeat res materiales existere, quia tamen hoc a nobis paulo ante in dubium revocatum est, & inter primæ nostræ ætatis præjudicia numeratum, nunc opus est, ut rationes investigemus, per quas id certo cognoscatur. Nempe quicquid sentimus, procul dubio nobis advenit a re aliqua, quæ a mente nostra diversa est. Neque enim est in nostra potestate efficere, ut unum potius quam aliud sentiamus; sed hoc a re illa quæ sensus nostros afficit plane pendet. Quæri quidem potest an res illa sit Deus, an quid a Deo diversum: Sed quia sentimus, sive potius a sensu impulsus clare ac distincte percipimus materiam quandam extensam in longum, latum & profundum, cujus variæ partes variis figuris præditæ sunt, ac variis motibus cientur; ac etiam efficiunt ut varios sensus habeamus colorum, odorum, doloris, &c. si Deus immediate per se ipsum istius materiæ extensæ ideam menti nostræ exhiberet, vel tantum si efficeret, ut exhiberetur a re aliqua, in qua nihil esset extensionis, nec figuræ, nec motus; nulla ratio potest excogitari, cur non deceptor esset putandus. Ipsam enim clare intelligimus tanquam rem a Deo, & a nobis sive a mente nostra plane diversam; ac etiam claro videre nobis videmur, ejus ideam a rebus extra nos positis, quibus omnino similis est, advenire: Dei autem naturæ plane repugnare ut sit deceptor, jam ante est animadversum. Atque ideo hic omnino concludendum est, rem quandam extensam in longum, latum & profundum, omnesque illas proprietates quas rei extensæ convenire clare percipimus habentem, existere. Estque hæc res extensa, quam corpus sive materiam appellamus.

II
Quibus etiam
cognoscatur corpus
humanum menti
esse arcte
conjunctum.

Eadem ratione menti nostræ corpus quoddam magis arcte, quam reliqua alia corpora conjunctum esse, concludi potest, ex eo quod perspicue advertamus dolores, aliosque sensus nobis ex improvise advenire; quos mens est conscia non a se sola proficisci, nec ad se posse pertinere ex eo solo quod sit res cogitans, sed tantum ex eo quod alteri cuidam rei extensæ ac mobili adjuncta sit, quæ res humanum corpus appellatur. Sed accuratior ejus rei explicatio non est hujus loci.

Mesmo que não haja ninguém que não esteja suficientemente persuadido de que existem coisas materiais, porque isso, no entanto, foi há pouco posto em dúvida por nós e contado entre os prejuízos de nossa infância, é preciso que investiguemos agora as razões pelas quais temos um conhecimento certo disso. Ora, tudo o que sentimos nos advém, sem dúvida, de alguma coisa que é diversa da nossa mente. Com efeito, não está em nosso poder fazer com que sintamos isso de preferência àquilo, mas tal fato obviamente depende da coisa que afeta nossos sentidos. Certamente pode-se perguntar se essa coisa é Deus ou algo diverso de Deus. Mas, porque sentimos, ou antes, impelidos pela sensação, percebemos clara e distintamente uma certa matéria extensa em comprimento, largura e profundidade, cujas várias partes estão providas de várias figuras e são movidas por vários movimentos e fazem também com que tenhamos várias sensações de cores, de odores, de dor etc., se Deus exibisse imediatamente por si mesmo à nossa mente a idéia dessa matéria extensa, ou se apenas fizesse com que ela fosse exibida por alguma coisa na qual nada houvesse de extensão, nem de figura, nem de movimento, não se pode excogitar nenhuma razão por que não deveria ser considerado enganador. Com efeito, claramente a entendemos como uma coisa inteiramente diversa de Deus e de nós, ou seja, de nossa mente; e parece-nos também que vemos claramente que a sua idéia advém de coisas postas fora de nós, às quais é em tudo semelhante. Porém, ser enganador é obviamente contraditório à natureza de Deus, como já se observou antes. E, por isso, não se pode deixar de concluir aqui que existe uma certa coisa extensa em comprimento, largura e profundidade, tendo todas as propriedades que percebemos claramente convir à coisa extensa. E é essa coisa extensa a que chamamos corpo ou matéria.

Pela mesma razão, que um certo corpo esteja mais estreitamente unido à nossa mente do que os demais corpos [é o que] se pode concluir do fato de nos darmos conta perspicuamente de que as dores e as outras sensações nos advém de modo imprevisto.⁵ Essas, a mente está consciente de que não provêm dela apenas nem podem lhe ser

(5) Na tradução dessa frase seguimos a correção de AT, que suprimiram a vírgula entre as palavras “dolores e aliosque”. Mantendo a vírgula, poder-se-ia também traduzir por: “nos damos conta perspicuamente das dores e de que outras sensações nos advém de modo imprevisto”.

I

Por quais razões se conhece com certeza a existência das coisas materiais.

II

Por quais [razões] também se conhece que o corpo humano

III Satis erit, si advertamus, sensuum perceptiones non referri, nisi ad istam corporis humani cum mente conjunctionem, & nobis quidem ordinarie exhibere, quid ad illam externa corpora prodesse possint, aut nocere; non autem, nisi interdum & ex accidenti, nos docere, qualia in seipsis existant. Ita enim sensuum præjudicia facile deponemus, & solo intellectu, ad ideas sibi a natura inditas diligenter attendente, hic utemur.

Sensuum perceptiones, non quid revera sit in rebus; sed quid humano composito prosit vel obsit, docere.

IV Quod agentes, percipiemus naturam materiæ, sive corporis in universum spectati, non consistere in eo quod sit res dura, vel ponderosa, vel colorata, vel alio aliquo modo sensus afficiens; sed tantum in eo, quod sit res extensa in longum, latum & profundum. Nam quantum ad duritiam, nihil aliud de illa sensus nobis indicat, quam partes durorum corporum resistere motui manuum nostrarum, cum in illas incurrunt. Si enim quotiescunque manus nostræ versus aliquam partem moventur, corpora omnia ibi existentia, recederent eadem celeritate, qua illæ accedunt, nullam unquam duritiam sentiremus. Nec ullo modo potest intelligi, corpora quæ sic recederent idcirco naturam corporis esse amissura, nec proinde ipsa in duritie consistit. Eademque ratione ostendi potest, & pondus, & calorem, & alias omnes ejusmodi qualitates, quæ in materia corporea sentiuntur, ex ea tolli posse, ipsa integra remanente: unde sequitur, a nulla ex illis ejus naturam dependere.

referidas pelo simples fato de ser uma coisa pensante, mas somente por estar ligada a uma certa outra coisa extensa e móvel, a qual coisa é chamada corpo humano. Mas este não é o lugar para uma explicação mais acurada de tal fato.

Será suficiente se notarmos que as percepções dos sentidos não estão relacionadas senão com essa união do corpo humano com a mente e que elas, de certo, nos exibem ordinariamente em que os corpos externos podem lhe ser favoráveis ou nocivos, mas não nos ensinam, a não ser às vezes e por acidente, com que qualidades existem em si mesmos. Assim, pois, facilmente poremos de lado os prejuízos dos sentidos e nos utilizaremos aqui tão somente do entendimento, que atenta diligentemente para as idéias colocadas nele pela natureza.

Fazendo isso, perceberemos que a natureza da matéria, ou do corpo considerado em geral, não consiste no fato de ser uma coisa dura ou pesada ou colorida ou que afeta os sentidos de alguma outra maneira, mas tão somente no fato de ser uma coisa extensa em comprimento, largura e profundidade. Pois, quanto à dureza, o sentido não nos indica outra coisa sobre ela senão que as partes dos corpos duros resistem ao movimento de nossas mãos quando entram em contacto com elas. Se, com efeito, sempre que nossas mãos se moverem em direção a alguma parte, todos os corpos aí existentes retrocederem na mesma velocidade com que elas se aproximam, jamais sentiremos dureza alguma. Nem se pode entender de maneira alguma que os corpos que assim retrocederem por isso mesmo haverão de perder a natureza de corpo, e, por conseguinte, esta não consiste na dureza. Pela mesma razão pode mostrar-se que tanto o peso quanto o calor quanto todas as outras qualidades desse tipo, que são sentidas na matéria corpórea, dela podem ser tirados, permanecendo a mesma íntegra, donde se segue que a sua natureza não depende de nenhum deles.

está estreitamente unido à mente.

III

Que as percepções dos sentidos ensinam, não o que está verdadeiramente nas coisas, mas o que é favorável ou desfavorável ao composto humano.

IV

Que a natureza do corpo consiste, não no peso, na dureza, na cor, ou coisas semelhantes, mas tão somente na extensão.